

# PUNHOS RIJOS

---

Gonçalo Ferreira da Silva



As  
"Centro de  
Pesquisa" Pau  
Durosa.

Leitura autor  
[Signature] 5-7-67

Com licença, santa musa  
Que os poetas inspira  
Vou passear no seu reino  
Para testar minha lira  
Mostrando mais uma vez  
A derrota da mentira.

O desfecho desta história  
Vibrará seu coração  
Os atos, as personagens,  
Os fatos, a descrição  
São todos filhos legítimos  
Da minha imaginação.

O nordeste brasileiro  
Era antes tão tirano  
Que seus filhos não ligavam  
À vida do ser humano,  
Aplicavam a violência  
Do Oeste americano.

Nesse tempo havia um velho  
Na fazenda São Rogério  
Pai dum menino robusto  
Que se chamava Valério,  
Naquelas adjacências  
Não havia outro mais sério.

Essa fazenda foi palco,  
No sertão pernambucano,  
De várias atrocidades  
De desespero e de dano  
Todos temiam ao seu dono:  
(O coronel Herculano).

Tinha êle uma menina  
Com dez anos, dir-se-ia  
Mais ou menos a idade  
Que qualquer um presumia  
Brincando junto com as outras  
Demonstrava simpatia.

Chamava-se Violeta  
E a Valério admirava  
Pela sua austeridade  
E a fôrça que demonstrava  
E, nas raras horas vagas,  
Ela a êle incentivava.

Tinha as características  
E o dom de professôra.  
Valério com doze anos.  
Forte como sempre o fôra  
Era para o pai já velho  
A sua mão protetora.

O coronel Herculano  
Forte, valente e audaz  
Olhava os dois conversando  
E dizia: — E' bem capaz  
Que venham a se amar  
Quando Valério rapaz.

E assim os dois brincavam  
Sòzinhos tranquilamente  
Até que um dia cupido,  
Muito traiçoeiramente  
Resolveu tumultuar  
Esse diálogo inocente.

Como o amor os atingisse  
Calma e sorrateiramente  
Valério chegava em casa  
Com semblante diferente  
E pra tôda parte ia  
Com Violeta na mente.

Até que um dia um dos cabras  
Do coronel criminoso,  
Disse que viu Violeta  
Lá num bosque montanhoso  
Utilizando uma sombra  
Como colóquio amoroso.

— Encontrei os dois a sós,  
Sob uma árvore deitados  
Mas, ao identificá-los  
Despencaram apavorados  
Porém, vi nitidamente  
Valério e ela abraços.

Disse o velho indignado:  
— Resolverei o problema,  
Vou levar Valério prêso  
E colocá-lo na algema —  
Ficou o pai do menino  
Em dificuldade extrema.

Então, o coronel mandou  
Carregar Valério prêso  
Sem esboçar reação;  
Lavaram o pobre indefeso,  
Valério foi pra cadeia  
Sofrendo o maior desprezo.

Era tenra a sua idade  
Para mostrar valentia  
Os cabras aproveitaram  
O espírito de covardia  
E aplicaram em Valério  
A mais cruel tirania.

Violeta, ao ver Valério,  
Arrastado brutalmente  
Por sôbre as arapiracas  
Chorou copiosamente.  
O desejo de vingança  
Lhe veio repentinamente.

Depois que Valério foi  
Prêso e martirizado  
O coronel foi com a môça  
Para um recanto isolado  
E quis que ela contasse  
O fictício passado.

— Comigo nada passou-se,  
Que é que posso contar!  
Disse o velho: — aconteceu  
E você tem que se explicar  
Lhe respondeu a menina:  
— Pode me mandar matar.

— O compadre Zacarias  
Viu você ontem abraçada  
Com aquêl tal de Valério  
Em brincadeira arrojada  
Ambos pagarão agora,  
Pela arte praticada.

Violeta ouviu ao pai  
Perspicaz, de olho vivo  
Pensando (era o que eu queria  
Saber somente o motivo  
Agora, porei em prática  
O meu gênio positivo).

Pegou lápis e papel  
Depois redigiu sem medo.  
Um bilhete pra Valério;  
E ao pai dêste, em segredo  
Disse: — Entregue isto ao seu filho  
Logo amanhã muito cedo.

Quando o Sol se levantou  
O pai de Valério vai,  
Com o bilhete no bolso  
E ninguém atrás dêle sai  
Pois é natural o filho  
Ter visita do pai.

Valério, ao ler o bilhete,  
Ficou de tudo inteirado;  
Monologava dizendo:  
(— O meu plano está forjado  
Num prazo que nem calculam  
Liquido êsse desgraçado —).

Valério gesticulava  
Com incrível veemência  
Os outros presos pediam  
Pra êle ter paciência  
Porque viria, fatalmente,  
À tona sua inocência.

Nessa penitenciária  
Todos fizeram amizade  
Com Valério, sobretudo,  
Pela sua tenra idade  
Para já poder ser alvo  
De tamanha atrocidade.

Antes que se transcorressem  
Dessa época muitos dias  
Valério quis conservar  
As duas fisionomias  
Do coronel Herculano  
E do cabra Zacarias.

Um dia, um belo descuido  
Do porteiro encarregado  
Propiciou a Valério  
Voar pelo gradeado  
Transpor o muro, tomando  
Um destino ignorado.

Quando Violeta soube  
Que êle havia ido embora  
Lhe desejou boa sorte  
Por êsses bosques afora  
E ofereceu uma prece  
A Deus e Nossa Senhora.

Continuou Zacarias  
Com estima absoluta  
Do coronel Herculano  
Para a paz e para a luta  
Não sabendo que a sorte  
E' ignara e astuta.



Pra onde ía Herculano  
Zacarias ía atrás  
As tarefas mais difíceis  
"Isto Zacarias faz"  
E assim continuava  
Como fiel capataz.

Vamos deixar por aqui,  
A fazenda de Herculano  
Para ingressar frontalmente  
No sertão pernambucano  
E visitar a fazenda  
De J. Feliciano

O velho Feliciano  
A espôsa havia perdido,  
E também seu filho único  
Havia desaparecido,  
E o velho na fazenda  
Ficou sòzinho esquecido

Porém, nenhum seu parente  
Todos lhe eram estranhos  
Havia alguns empregados  
Que viviam de seus ganhos  
Não tinha um de confiança  
Para cuidar dos rebanhos.

Um dia, chegou um rapaz  
Pedindo pra trabalhar.  
Porque vivia sòzinho  
E precisava se empregar  
O velho mui gentilmente  
Lhe disse: — pode apear.

E falou logo ao rapaz:

— Na fazenda há um açude,  
No entanto ultimamente  
Perdi a minha saúde  
E preciso realmente  
Dum homem aqui que me ajude.

— Sendo assim — disse o rapaz  
Tal como o senhor me avisa  
Vou logo olhar as fronteiras,  
Verificar a divisa  
Prometo dá dentro em breve  
O que a fazenda precisa.

Começou, logo, o trabalho  
Com os seus punhos ousados;  
Os bosques circunjacentes  
Que eram inexplorados  
Dentro de menos de um mês  
Já estavam cultivados

Feliciano gostou  
Do entusiasmo e brilho  
Revelados pelo jovem  
No inarredável trilho,  
Em pouco tempo já o tinha  
Como verdadeiro filho.

O velho, aí, convocou  
Os empregados restantes  
Disse: — indiferentemente  
Todos me são importantes  
Porém este é o herdeiro  
Da fazenda Diamantes.

Essa decisão do velho  
Foi muito bem acolhida  
Uma vez que sua esposa  
Já estava falecida  
E a fazenda com o m<sup>o</sup>ço  
Já tomara nova vida

Logo após Feliciano  
Caiu na cama, doente;  
Forte resquício de febre  
O atacou de repente  
O velho foi para tumba  
irremediavelmente.

Com a morte consumada  
Generalizou-se o luto  
Puseram bandeira preta  
Com respeito absoluto  
À aquêlê que antes fôra  
Justiceiro e impoluto.

Valério, embora ficasse  
Melancólico, pesaroso  
Reuniu seus empregados  
Dizendo: — Agora é forçoso  
Que esta fazenda tome  
Um destino glorioso.

Ficou dono absoluto  
Do que havia na fazenda  
Em cujo ponto central  
Colocou logo uma venda  
O que os vaqueiros queriam  
Podiam apanhar na tenda.

Assim viviam na fazenda  
Com paz e tranqüilidade  
Tôdas as vicissitudes  
Foram com facilidade  
Substituídas por  
Sossêgo e felicidade.

E muitos admiravam  
Do jovem o temperamento  
As qualidades de líder  
A força de pensamento;  
No entanto, não pensava  
Nem por sonho, em casamento.

Os vaqueiros exibiam  
Os brôtos mais graciosos  
Na casa do fazendeiro  
Certamente esperançosos  
Que êle lhes dispensasse  
Assuntos maliciosos.

Mas a feição do rapaz  
Era austera, irredutível  
Mantinha com as meninas  
Personalidade incrível  
Enfim, qualquer tentação  
Para êle era impossível.

Irrepreensivelmente  
A inabalável linha  
Para com os empregados  
O rapaz sempre mantinha;  
E assim ninguém ousava  
Negar-lhe o punho que tinha.

A pessoa que no mundo  
Maledicente padece  
A reclamar que a sorte  
Somente o azar lhe tesce  
Não sabe que ela só vai  
A quem a ela merece.

Não sabe que mentira  
É insegura e tirana;  
Quem muito nela confia  
Ou cedo ou tarde se engana  
Um dia se extinguirá  
Com a perfeição humana.

Vamos dar mais uma volta  
A história primitiva  
Pra saber se Violeta  
está solta ou está cativa,  
Se está gozando ou sofrendo,  
Se está morta ou está viva.

Correu tudo, normalmente;  
Deram ao ocorrido termo  
Pois Valério, com o esforço  
Pra fugir naquele êrmo  
Se não houvesse morrido  
Ainda estaria enfermo.

Um dia, Herculano disse:  
— Já há muito tempo estamos  
Pra pagar uma promessa  
No entanto, nunca vamos,  
Eu estou em dívida com  
S. Severiano Ramos.

Ir-nos-emos este ano,  
Levaremos umas flôres  
Para pagar a promessa.  
Pois somos os seus autores  
Do contrário aquêle santo  
Nos negará seus favores.

Ouvi falar dêsse santo  
Ainda, quando menino,  
Não quero mais bricadeira  
Com êsse São Severino  
Paguemos logo a promessa  
Daquele santo cretino.

Ordenou que Zacarias  
Levasse o imprescível:  
Três cavalos valorosos,  
O dinheiro disponível.  
— Não se incomode, patrão  
Porque farei o possível.

Assim arrumaram tudo  
Estava o dia favorável  
Herculano e Zacaria  
Capataz instimável  
Violeta e uma pistola  
Sua amiga inseparável.

Transpuseram no camino  
Vários recifes de ponta,  
Bosques desertos e feios  
Já lhes chegava a afronta  
Passaram tantas verêdas  
Que até perderam a conta.

O coronel já pensava  
A promessa inexequível  
Violeta estava lívida  
Num cansaço indescritível  
E inexoravelmente  
Vinha a noite atra e horrível.

Dormiram por sob as moitas,  
Assaram carne de gado  
Amarraram os cavalos  
Num estábulo improvisado.  
Durante a noite, dormindo  
Se desfizeram do enfado.

Continuaram a jornada  
Por bosques horripilantes,  
Marraram as montarias  
E viram terras distantes.  
Herculano disse — Estamos  
Na fazenda Diamantes.

Iremos, logo pedir,  
Nesta fazenda descanso  
Antigamente seu dono  
Era um velha muito manso  
Se êle nos deu um rancho  
Meu objetivo alcanço.

Pegaram, logo, uma estrada  
Que iria fatalmente  
À casa do fazendeiro.  
O obstáculo aparente  
Era cobrir a distância  
Que havia pela frente.

Por Zacarias e Violeta  
Ia o velho ladeado,  
Logo que se aproximaram  
Viram o alpendre isolado  
Apenas com o fazendeiro  
Numa cadeira sentado.

Ao ouvir longe o tropel  
Saiu repentinamente,  
O velho ao vér o rapaz  
Trajado impecavelmente  
Disse: — Bôa tarde, amigo  
Preciso um descanso urgente.

— Pode apear Zacarias,  
Pode apear velho rude,  
Pode apear Violeta,  
Desculpem a minha atitude,  
Seu Herculano já posso  
Cuidar de Vossa saúde.

— Como é que nos conhece?  
— Disse o velho extasiado,  
— Lhes conheço há muito tempo  
Velho imbecíl e safado,  
está aqui em corpo e alma  
O Valério seu crado.

— E agora suspenda a mãos  
Velho bruto audacioso  
Mande cá sua pistola,  
Vem cá meu anjo mimoso  
Seu pai saberá agora  
Quanto é bom ser criminoso.



Violeta correu dizendo:  
— Oh! Valério, meu querido  
Pode fulminar agora  
Meu pai e este atrevido  
Porque, inocentemente,  
Lhe fizeram foragido.

Valério, então, perguntou  
Impregnado de ira:  
— Que tal meu bom Zacarias  
Aquela triste mentira  
Eu não posso perdoar  
A quem a moral me fira.

Dizendo isto jogou-lhe  
Tão portentoso supapo  
Que seu queixo inferior  
Voou igualmente um trapo  
Lhe deu um sôco na cara  
Que caiu feito um farrapo.

Virou-se para Herculano;  
Este esboçou reação  
Mas, na primeira pernada  
Voou fatalmente ao chão  
Valério disse: — E' apenas  
Uma pequena lição.

Herculano já estava  
Com a cara tôda vermelha  
Quando, já desfalecendo  
Vem a môça e aconselha:  
— Tire a barba de papai  
Com um belo caco de telha.

Valério achou que um caco  
Era desaconselhável.

— Violeta me perdoe,  
E' muito mais favorável  
Utilizar uma espora  
Nesta tarefa agradável.

O velho gritou dizendo:  
— Tenham compaixão de mim,  
Nunca me opús a vocês,  
Não sejam cruéis assim,  
Me ajude São Severino  
Que não serei mais ruim.

Disse: — Meu filho Valério  
Enquanto a morte não vem  
Minha fazenda e Violeta  
São suas e de mais ninguém  
E se minha espôsa servir  
Fique com ela também.

Alí os dois se abraçaram  
Muito prazerosamente.  
Se casaram um dia após  
Inda vivem, felizmente  
Na paz da santa verdade  
E do Pai Onipotente.

Pegaram ali Zacarias,  
Onde havia matagais,  
Encostaram o corpo inerte  
Sob as sombras florestais  
Impondo ao pobre cadáver  
Atrocidades demais.

7693



**GONÇALO FERREIRA DA SILVA**

4

SMB